



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO MARAJÓ – BREVES
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ANDRÉ LUIZ SARRAF GAMA

**AS IMPLICAÇÕES DA ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO NO
CENTRO HALEFF PINHEIRO EM BREVES - MARAJÓ**

BREVES-PARÁ

2021

ANDRÉ LUIZ SARRAF GAMA

**AS IMPLICAÇÕES DA ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO NO
CENTRO HALEFF PINHEIRO EM BREVES - MARAJÓ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó-Breves, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dra. Sônia Maria Pereira do Amaral

BREVES-PARÁ

2021

ANDRÉ LUIZ SARRAF GAMA

**AS IMPLICAÇÕES DA ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO NO
CENTRO HALEFF PINHEIRO EM BREVES - MARAJÓ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó-Breves, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Data de aprovação: ____/____/____

Banca examinadora:

Profª Dra. Sônia Maria Pereira do Amaral
Orientadora. UFPA/CUMB/FECH

Profª Esp. Renata Aparecida Farias Machado
Membro interno UFPA/CUMB/FECH

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, aos meus pais Lucilea e Raimundo por toda dedicação e compreensão ao longo do curso e pelo incentivo à realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer é o reconhecimento da importância que alguém teve em determinada ocasião. É dar o devido e admitir que sua contribuição foi essencial para a realização de um projeto.

O mínimo que posso fazer é agradecer a todas as pessoas que contribuíram e me ajudaram na conclusão deste trabalho. Dizer obrigado é demonstrar minha gratidão pelo apoio, companheirismo e amizade de cada um.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pela força e perseverança durante o curso e pela vitória de me formar como Pedagogo.

A minha orientadora e Prof. Dra. Sônia Maria Pereira do Amaral, pelo apoio e incentivo a minha pesquisa e pela oportunidade de poder desfrutar um pouco de seus conhecimentos.

A todos os meus professores, por todos os ensinamentos transmitidos a nós, alunos, ao longo do curso.

Aos meus pais Lucilea e Raimundo, por todo o carinho, dedicação e esforço na concretização de um sonho que hoje podemos desfrutar juntos.

A toda minha família e colegas de trabalho que, de alguma maneira, ajudaram-me ao longo desses anos.

A todos os meus colegas de sala: pelos anos de experiência que passamos juntos nesses últimos anos; pelos momentos vividos; pelas agradáveis lembranças que tive e pela amizade criada.

Finalmente, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão desta pesquisa.

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor assim, não morre jamais.

(Rubem Alves)

AS IMPLICAÇÕES DA ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO NO CENTRO HALEFF PINHEIRO EM BREVES - MARAJÓ

André Luiz Sarraf Gama¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo, apresentar resultados de estudos e reflexões sobre a área da Psicopedagogia e a atuação do psicopedagogo do Centro Haleff Pinheiro, localizado na cidade de Breves no arquipélago do Marajó. A pesquisa foi de abordagem qualitativa. Quanto aos procedimentos técnicos, trabalhou-se na pesquisa bibliográfica, com base em, Barbosa (2001), Bossa (1994), Masini (2015), entre outros. Os objetivos foram: geral, analisar as implicações da atuação do psicopedagogo no Centro Haleff Pinheiro. Específicos: identificar o papel do psicopedagogo institucional e a sua importância no contexto escolar. O estudo empreendeu pesquisa de campo, com entrevista semiestruturada para duas psicopedagogas que atuam no centro. Os resultados indicaram que o trabalho do psicopedagogo no centro Haleff Pinheiro se faz de extrema importância na contribuição de ações que orientam as escolas municipais para o atendimento na superação das dificuldades de aprendizagem dos alunos, visto que, esse profissional pode articular e promover ações de prevenção, orientação e intervenção, que podem iniciar com o diagnóstico no centro e ter a continuidade na escola. Portanto, é imprescindível que o psicopedagogo continue realizando as ações no Centro e se estenda ao contexto escolar, considerando as particularidades, dificuldades e potencialidades de cada aluno, desenvolvendo um trabalho em parceria com os pais, professores, equipe pedagógica e demais especialistas em prol do desenvolvimento estudantil dos discentes.

PALAVRAS-CHAVE: Psicopedagogia. Aprendizagem. Contexto Escolar.

1 INTRODUÇÃO

Em todos os setores, a sociedade encontra-se em constante evolução, e a velocidade dessas mudanças tem sido cada vez maior devido a tecnologia e a facilidade de trocar informações com qualquer lugar do planeta. As pessoas que nasceram a partir dos anos 2000, vivenciaram e vivem sob uma constante atualização de informações e produtos eletrônicos, na qual a ideia de ter algo fixo e duradouro, não faz muito sentido, pois a qualquer momento sempre tem algo novo e essa pode ser considerada uma característica da juventude atual.

As crianças dessa nova geração têm muito mais acesso a informações do que as gerações anteriores, graças ao processo de globalização e a chegada da era das tecnologias onde o som e a cor têm predominância sobre os brinquedos, os celulares substituíram as brincadeiras ao ar livre e a televisão substituiu o papel de educar que seriam dos pais. Hoje, temos a impressão que tudo precisa ser rápido e dinâmico, e as coisas simples, como brincar de “ciranda

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Faculdade de Educação e Ciências Humanas, do Campus Universitário do Marajó-Breves, da Universidade Federal do Pará.

cirandinha”, para um grande número de crianças, não são mais atrativas como antigamente. Dessa forma, é importante reconhecer as mudanças que têm ocorrido nas diversas fases de desenvolvimento da criança, pois a infância e a adolescência já requerem novos olhares por parte dos educadores, psicólogos, pediatras e psicopedagogos. Nesse sentido, tem-se a importância do olhar da Psicologia e da Pedagogia para esse processo de desenvolvimento e aprendizagens humanas.

Ao analisar no clássico dicionário Aurélio (1986), vemos que a palavra Psicologia pode ser definida como a “ciência dos fenômenos psíquicos e do comportamento”, e a psicologia experimental como o “ramo da psicologia que submete à experimentação científica os fatos conhecidos pela observação à fim de verificá-los e deles extrair as leis gerais. A pedagogia, no mesmo dicionário significa “teoria e ciência da educação e do ensino”. E por fim vem a psicopedagogia que está atrelada a todas essas definições, sendo definida como a “aplicação da psicologia experimental à pedagógica”.

Se o foco da psicopedagogia é o aprendiz e a aprendizagem; a investigação nos aspectos deste campo, com enfoque na atuação do profissional da área no contexto escolar, se faz necessária. Na condição de futuro pedagogo, me motivei a realizar uma pesquisa que trouxesse informações que vão além do que é trabalhado no curso de graduação, mostrando que as dificuldades de aprendizagem, não são apenas problemas direcionados aos psicopedagogos e sim, a todos os profissionais envolvidos em um ambiente escolar, dessa maneira, todo pedagogo deve estar informado acerca do trabalho realizado pela psicopedagogia.

Nesse sentido, o presente artigo traz os resultados do estudo que teve como objetivo geral, analisar as implicações da atuação do psicopedagogo no Centro Haleff Pinheiro e como objetivos específicos: identificar o papel do psicopedagogo institucional e a sua importância no contexto escolar. Descrever os principais diagnósticos apresentados para o psicopedagogo no centro Haleff e compreender como os psicopedagogos avaliam e intervêm, diante diagnósticos apresentados.

O Centro Haleff Pinheiro, *locus* de pesquisa, está sediado no arquipélago do Marajó, na cidade de Breves, um município brasileiro do estado do Pará, localizado no Norte brasileiro, ao sudoeste na Ilha de Marajó, com uma população de 103.497 (2020) segundo os últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020).

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, pois o objetivo não é só mensurar os resultados, mas sim descrevê-los, valendo-se de impressões, pontos de vista e opiniões dos

participantes, e nesse sentido Richardson (1999) expõe que a pesquisa qualitativa é bastante válida em situações em que se evidencia a importância de compreender aspectos psicológicos cujos dados não podem ser coletados de modo completo por outros métodos, devido à complexidade que encerram, a exemplos da motivação e valores que estão presentes no dia a dia. Para isso é necessária uma metodologia de caráter exploratório, pois o foco da discussão está em um caráter subjetivo que abrange muito mais informações.

Além disso, traz procedimentos de pesquisa bibliográfica, pois uma parte da pesquisa se baseia no levantamento de estudos anteriores sobre a área, envolvendo tanto livros como artigos que além de darem embasamento, trazem também novos olhares sobre o assunto, fato esse que dificilmente encontraríamos com tanta diversidade em outras formas de pesquisa. De acordo com Boccato (2006, p. 266):

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica.

E por último uma pesquisa de campo, pois tem como característica também as investigações realizadas através das coletas de dados com os participantes e que foram somadas depois à pesquisa bibliográfica. Segundo Gonsalves (2001 apud FASSA; SEGANTIN, 2015, p. 67):

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...].

Para a coleta de dados, utilizamos como instrumento a entrevista semiestruturada contendo dez questões mistas subjetivas, que foram previamente produzidas levando em conta todo o contexto do tema. Para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas. Os participantes da pesquisa foram dois: uma psicopedagoga que atua no centro Haleff Pinheiro e a diretora. Os resultados da pesquisa serão aqui apresentados em duas seções. A primeira apresenta alguns pressupostos e definições da Psicopedagogia, seguida de reflexões em torno das possibilidades

de atuação do profissional psicopedagogo na escola. Na segunda, traçamos análises dos dados coletados nas entrevistas em consonância com a pesquisa bibliográfica.

2 O SURGIMENTO DA PSICOPEDAGOGIA

No final do século XVI, Francis Bacon divulgou indícios de um conhecimento que seria certo e seguro, mas essas ideias só ganhariam força com o avanço e fortalecimento do capitalismo, que ocorreu no século XIX (BOSSA, 2007). As desigualdades sociais que foram ocasionadas pelo capitalismo precisariam ser justificadas com teorias, as quais colocavam as características hereditárias e culturais como justificativa de suas posições sociais.

Dessa forma, em todo século XIX, a escola se comprometeu a criar um sistema que justificasse o poder da burguesia, para que os pobres somente escrevessem o seu papel de proletariados e continuassem a dar lucros, fato que aconteceu na época da revolução industrial. De acordo com Bossa (2007), no campo escolar, os estudos buscavam explicações para a diferença no rendimento dos alunos e o acesso diferenciado aos diversos graus de escolarização. Todo esse conhecimento se tornou base para o pensamento de psicólogos e educadores daquele período. A partir desse paradigma e com todos os estudos na área médica, a dificuldade de aprendizagem foi atribuída a problemas orgânicos, e em consequência disso, as crianças passaram a ser tratadas como “anormais”.

Segundo Bossa (2007), no século XVIII não existia conceito de aprendizagem e de dificuldades de aprendizagem, essas dificuldades eram conhecidas como doenças mentais, explicadas pela concepção sobrenatural. O primeiro centro médico de Psicopedagogia foi fundado por George Mauco, na França. Médicos, psicólogos, psiquiatras e psicanalistas faziam parte da equipe que buscavam auxiliar no acompanhamento de crianças com dificuldades comportamentais e de aprendizagem. Essa trajetória demonstra que a psicopedagogia apresentava uma corrente voltada para o tratamento médico-pedagógico.

As ideias francesas influenciaram discussões dessa natureza em países como a Argentina, que, por sua vez, influenciou o surgimento da ciência no Brasil. Na década de 70, surgiram, na Argentina, os primeiros centros de Saúde Mental nos quais equipes de psicopedagogos realizaram diagnósticos e tratamentos. Entretanto, eles perceberam que alguns pacientes apresentavam uma melhora na aprendizagem, mas desenvolviam fobias e outros problemas. A partir daí, notou-se a necessidade de trabalhar em conjunto com a psicanálise.

Essa foi uma das primeiras mudanças em relação a abordagem das práticas psicopedagógicas (BOSSA, 2007).

A psicopedagogia, que em seu objeto de estudo trata de entender as formas de aprendizagem passou por diferentes fases, à medida que mudava a percepção sobre a aprendizagem (BOSSA, 2007). Atualmente, entende-se que as estruturas orgânicas, intelectuais e afetivas influenciam na aprendizagem, assim como as condições socioculturais do seu meio.

A Psicopedagogia além de dominar a patologia e etiologia dos problemas de aprendizagem, aprofundou conhecimentos que lhe possibilitam uma contribuição efetiva não só relacionada aos problemas de aprendizagem, mas também, na melhoria da qualidade de ensino oferecido pela escola (SCOZ, 1994, p. 176).

Por isso, é necessário a instituição de ensino pensar a aprendizagem dos seus educandos de maneira mais ampla, e a psicopedagogia institucional pode ser uma grande aliada nesse processo, pois ela vai muito além do que acontece apenas nas escolas, busca as raízes dos fatores que possam interferir na aprendizagem. Desse modo, faz mister compreender o trabalho da psicopedagogia institucional.

3 A PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL

A psicopedagogia pode ser clínica ou institucional. A diferença se dá em relação à metodologia e ao espaço onde o trabalho é desenvolvido. A primeira acontece de forma individual ou grupal, em consultórios, com o intuito de reconhecer as causas internas que interferem na aprendizagem. A institucional tem um caráter preventivo e acontece nas instituições escolares, empresas, creches e organizações assistenciais. Ela tem como objetivo reduzir a “frequência dos problemas de aprendizagem”, sendo realizado um trabalho didático e pedagógico. Geralmente, quando um estudante não está apresentando o rendimento esperado, as instituições de ensino apresentam uma queixa de caráter pedagógico ou comportamental às famílias e recomendam que busquem profissionais habilitados para tratar os problemas de aprendizagem (CONCEIÇÃO, 2018).

Nesse contexto, necessitamos diferenciar dificuldades e distúrbios ou transtornos de aprendizagem. As dificuldades de aprendizagem estão relacionadas às questões momentâneas, podem ser primárias (quando são ocasionadas a problemas emocionais) ou secundárias (em decorrência de paralisia cerebral ou outras questões, que podem comprometer o sistema orgânico e assim dificultar a aprendizagem) (RELVAS, 2010).

Segundo Neto *et al.* (2015), desde 2000, há um aumento no número de queixas relacionadas à dificuldade de aprendizagem. Ele ressalta que algumas questões poderiam ser abordadas e enfrentadas pela própria escola, evitando assim rotular as crianças e indicar medicamentos desnecessários, pois, na maioria das vezes, as dificuldades acontecem devido às práticas pedagógicas inadequadas.

Bossa (2007) afirma que a prática da psicopedagogia na instituição escolar também é clínica, se analisarmos apenas a semântica original da palavra de observação e investigação, já que na instituição o profissional será um observador e investigador das dificuldades de aprendizagem. Weiss (2001) menciona casos de crianças com idade inadequadas para a alfabetização que foram encaminhadas para clínicas de psicopedagogia.

Nesse sentido, questionamos algumas questões levantadas por Cazella (2010 apud WEISS, 1994, p. 14) sobre a condução do ensino nas instituições escolares. “[...] será o problema da não aprendizagem apenas do aluno? [...] A atualização da escola apenas em metodologias de ensino não poderia estar deixando de lado as questões de aprendizagem?”. Há também perguntas que devem ser feitas por nós educadores: Qual é a metodologia usada pelos professores? Será que todas as queixas de aprendizagem encaminhadas pela escola são analisadas dentro da instituição? Há conflitos entre professor e aluno que estão interferindo na aprendizagem? São questões que deverão ser levantadas dentro da instituição, antes de encaminhar os educandos para um psicopedagogo clínico.

Em muitas escolas, o quadro de funcionários para trabalhar diretamente com os processos de ensino-aprendizagem é preenchido por pedagogos e licenciados. Como exemplo, no contexto do estudo realizado, podemos afirmar na cidade de Breves, inúmeras instituições da educação básica, da rede municipal e estadual de ensino, que não apresentam psicopedagogos. Há professores com pós-graduação na área, mas que não exercem a função e nem têm vínculo como psicopedagogo/a, porque até o momento o município em seus concursos, não abriu vagas para o cargo. Entretanto, a presença de psicopedagogo é de fundamental importância para as instituições escolares. Eles auxiliam os docentes no reconhecimento de fatores emocionais ou orgânicos que estejam interferindo no processo de aprendizagem dos educandos.

Com base nesse contexto e com a intenção de abordar as atribuições e atividades que podem ser realizadas por um psicopedagogo institucional, o presente artigo faz uma pequena abordagem sobre os pressupostos e definições da psicopedagogia e em seguida, apresenta os resultados dos estudos da atuação do psicopedagogo no Centro Haleff Pinheiro, em Breves, no Marajó.

3.1 Psicopedagogia: Pressupostos e Definições

A psicopedagogia é uma área de estudos relativamente nova, que analisa e lida com o processo de aprendizagem e suas dificuldades, conforme definiu a Associação Brasileira de Psicopedagogia em 1990. A atuação do psicopedagogo pode ocorrer em qualquer contexto que haja processos de aprendizagem. De acordo com Miranda (2011, apud CAVALCANTE; ARAUJO; SANTOS, 2020, p. 01) “O papel do psicopedagogo é de suma importância, porque ele vai agir como um “solucionador” para os problemas de conduta e aprendizagem”. É nesse sentido é que o papel do psicopedagogo se torna primordial para a preparação e execução de uma educação com qualidade duradoura, pois ele tem o papel preventivo de identificar as falhas e causas de uma educação ineficaz, procurando sempre o melhor meio para se atingir um ensino de qualidade e garantir uma aprendizagem satisfatória.

A psicopedagoga Leda Barone (1987, p. 17), afirma que o problema específico da psicopedagogia diz respeito à “existência de pessoas normalmente desenvolvidas que não aprendem, embora colocadas numa situação normal de escolaridade”. Isso põe em evidência que a psicopedagogia deve tratar, não somente os alunos que tem algum tipo de distúrbio como eram retratados nas décadas passadas, e sim qualquer tipo de dificuldade de aprendizagem que surgir no dia a dia nas salas de aula.

Atualmente ainda se vê uma tendência das escolas em associar os psicopedagogos apenas aos alunos que tem sérios problemas de aprendizagem, chegando muitas vezes a tratar esses alunos como especiais e os afastando do restante da turma. Consequentemente, tem-se um grande número de profissionais que ficam presos aos comandos da instituição e não exercem os conhecimentos adquiridos na especialização em busca de ajudar no processo de aprendizagem. O psicopedagogo tem um trabalho que vai muito além, como Ferreira (2008, p.141) explica que o psicopedagogo também "busca possibilitar o florescimento de novas necessidades, de modo a provocar o desejo de aprender e não somente uma melhora no rendimento escolar". Isso é uma das funções da psicopedagogia que mais fazem falta no atual sistema educacional brasileiro, pois é imprescindível afirmarmos que é muito improvável que um único professor consiga ter um trabalho de alta qualidade, tendo como responsabilidade uma turma ou mais, com uma grande quantidade de alunos.

Para um atendimento educacional com qualidade, seria necessário que toda escola tivesse psicopedagogos, que agiriam juntos aos professores, pois como afirma Feldmann (2006)

o psicopedagogo pode utilizar de várias estratégias na intervenção psicopedagógica, trabalhando inclusive em conjunto com toda a equipe escolar, a qual deve estar mobilizada para oportunizar condições adequadas em prol da construção de novas aprendizagens. Ou seja, a escola precisa para garantir a educação plena, mais que professores, mais uma equipe formada por multiprofissionais.

Por outro lado, a psicopedagogia precisa envolver muitos mais profissionais, pois é concebida como uma área que visa a relacionar a ciência pedagógica, psicológica, fonoaudiológica, neuropsicológica, psicolinguística, entre outras, sempre na busca de uma compreensão integradora da aprendizagem (KIGUEL, 1987). No entanto, ainda é uma área educacional pouco explorada nas escolas, o que nos leva a refletir criticamente sobre a relevância do psicopedagogo dentro de uma instituição e entender a necessidade de se buscar uma educação de qualidade e consciente de que as crianças aprendem de formas distintas e que se faz necessário um trabalho diferenciado em cada unidade escolar com os alunos que apresentam sérias dificuldades de aprendizagem ao decorrer da Educação Básica.

Diante deste contexto, é primordial que haja uma reflexão a respeito do processo da qualidade da educação e a contribuição de outros profissionais neste processo. Nesse sentido, é extremamente relevante um trabalho de estudo e análise que reflita sobre a função e a contribuição de um psicopedagogo no contexto escolar, ou seja, diante do desafio de se lidar com as dificuldades de aprendizagem. É importante ressaltar a psicopedagogia como a ciência nova que estuda o processo de aprendizagem e dificuldades e que muito tem contribuído para explicar a causa das dificuldades de aprendizagem. Como objetivo central, estuda o processo humano do conhecimento: seus padrões evolutivos normais e patologias bem como a influência (família, escola, sociedade) no seu desenvolvimento (SCOZ, 1992).

4 A ATUAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NO CENTRO HALLEF PINHEIRO EM BREVES

Com o propósito de garantir que os objetivos da pesquisa fossem alcançados, inicialmente entramos em contato com os psicopedagogos do centro, por telefone, uma vez que as atividades da UFPA, foram paralisadas mediante o início da pandemia. Passados alguns dias, foi realizada a primeira entrevista de forma presencial, com uma psicopedagoga do centro, na qual foram feitas dez perguntas semiestruturadas para que a profissional se sentisse à vontade para responder. Depois de algumas semanas em espera, devido a mudança de sede do Centro Haleff Pinheiro, foi realizada a segunda entrevista com a outra psicopedagoga atuante do local; os

procedimentos com as duas participantes foram iguais, com as mesmas perguntas e mantendo o devido distanciamento social, devido as medidas de segurança contra a COVID.

Para as duas participantes da pesquisa, apresentamos o termo de consentimento, livre e esclarecido, respeitando assim os processos éticos da pesquisa. Após o aceite, iniciamos os trabalhos.

Os resultados estão aqui apresentados em quatro seções. O primeiro tópico traz uma análise sobre como a psicopedagogia acontece no Centro Haleff Pinheiro; o segundo faz uma abordagem de como acontece a relação entre o professor, o aluno e o psicopedagogo; o terceiro evidencia a valorização que o psicopedagogo recebe no local de trabalho; no último expõe os grandes desafios que a psicopedagogia institucional enfrenta atualmente.

4.1 A Psicopedagogia no Centro Haleff Pinheiro, em Breves/Marajó

De acordo com as entrevistadas, o trabalho do psicopedagogo no centro Haleff Pinheiro está ligado aos estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem e a alguns casos que requerem a intermediação de um conflito, com o olhar de um profissional na área, a exemplo, de alunos que apresentam não só problemas de aprendizagem, mas também de convivência. A psicopedagoga entrevistada em sua afirmativa disse que: “nós psicopedagogos, temos que saber lidar com todo tipo de aluno, pois tem alguns, que além de terem dificuldades para aprender, tem toda uma situação problemática em casa que precisamos ir resolvendo aos poucos”.

Isso leva em consideração que há inúmeros fatores que podem ocasionar problemas na aprendizagem, e que qualquer pessoa pode ser afetada, e para isso o psicopedagogo deve estar preparado, como orienta Neves.

A psicopedagogia estuda o ato de aprender e ensinar, levando sempre em conta as realidades interna e externa da aprendizagem, tomadas em conjunto. E, mais, procurando estudar a construção do conhecimento em toda a sua complexidade, procurando colocar em pé de igualdade os aspectos cognitivos, afetivos e sociais que lhe estão implícitos (NEVES, 1991 apud BOSSA, 2007, p. 21).

Diante da afirmativa de Neves (1991), pode-se encontrar a ideia errônea que se tem na rede municipal do Centro Haleff Pinheiro, de que é um espaço para receber alunos especiais, aqueles que as escolas não conseguiram trabalhar de forma eficaz, o que é uma ideia muito superficial diante da realidade que envolve todo o ambiente de trabalho. Muitos dos alunos que vão para o centro, têm suas funções cognitivas funcionando perfeitamente, e somente depois de

uma avaliação psicopedagógica é que os motivos da dificuldade de aprendizagem vão sendo detectados.

Há casos de alunos que apresentam dislexia, déficit de atenção, baixa visão e outros, no entanto, há também casos de crianças que simplesmente não tiveram uma educação que proporcionasse que suas habilidades na comunicação fossem desenvolvidas, com isso têm problemas para se comunicar, seja com o professor, com os pais e os próprios alunos, e isso vai gerando consequências futuras para a vida estudantil, pois dificilmente a criança irá manifestar as suas dificuldades na sala de aula e simplesmente vai assistindo as aulas e fazendo o que for possível na sua situação, ou seja, o aluno não aprende e finge que entendeu, até chegar um ponto onde todas essas dificuldades vão culminar em uma avaliação precipitada acerca dos motivos de seus resultados insatisfatórios na escola.

Diante dessas situações que vem ocorrendo no cotidiano de muitas escolas, é imprescindível analisarmos o quanto a presença de um psicopedagogo nessas instituições iria evitar grande parte dos problemas envolvendo alunos com baixo índice de aprendizagem, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental. Segundo Porto (2007, p. 110), “o psicopedagogo atua no campo da aprendizagem e sua intervenção é preventiva e curativa, pois se dispõe a detectar problemas de aprendizagem e “resolvê-los”, além de preveni-los, evitando que surjam outros”. Isso coloca em questão a afirmativa da psicopedagoga entrevistada que relata: “as vezes, quando eu recebo alguns casos de alunos que tem sérias dificuldades para aprender, eu fico imaginando o quanto teria sido mais simples trabalhar com ele na escola, onde é provável que ele tenha começado a mostrar seus erros”.

Entretanto, como não há a presença de psicopedagogos na maioria das escolas de Breves, os alunos são realocados para o Centro Haleff Pinheiro, para primeiramente haver uma avaliação da situação que envolve o estudante, tentar compreender as suas dificuldades, para depois se construir um planejamento de trabalho com essa criança. A psicopedagoga entrevistada narrou como acontece o trabalho no Centro:

Aqui no Centro Haleff, lidamos com todo tipo de aluno, desde aqueles que são fechados e não falam com ninguém, até aqueles que são explosivos e até violentos. Eu procuro sempre tentar entender o jeito de cada um para poder lidar, pois não adianta eu usar uma estratégia que o aluno não se identifique, então a gente senta, tenta conversar e compreender como podemos fazer isso acontecer, e as vezes é nessas conversas que eu acabo descobrindo motivos que vão além de aspectos orgânicos e cognitivos, e sim afetivo, sociais e pedagógicos (PSICOPEDAGOGA 1, 2020).

A entrevistada enfatiza bastante o fato de o psicopedagogo ter o trabalho de encontrar a melhor forma de estudar as origens dos problemas apresentados pelos alunos, com a finalidade contribuir para que ele, dentro do processo educativo, tenha aprendizagens. Nesse sentido, é fundamental que o Psicopedagogo conheça como e o que o sujeito aprende, além de estar preparado para administrar possíveis reações negativas do estudante frente a algumas tarefas, tais como: resistências, bloqueios, sentimentos, lapsos etc. Esse é um processo de investigação da realidade do estudante. Seu trabalho é estudar e investigar a realidade do avaliando, procurando o que possa ser motivo para suas dificuldades.

Um outro questionamento levantado à psicopedagoga 1, foi sobre quais os conflitos mais recorrentes na escola entre os alunos e os professores e que chegam até o Centro. Ela respondeu que o problema começa com o distanciamento que há, a falta de comunicação entre os professores e psicopedagogos, pois: “para haver um trabalho de qualidade, os professores precisam nos falar o que está acontecendo na sala de aula, relatar as dificuldades dos alunos, pedir ajuda para lidar com aqueles mais problemáticos e não apenas nos chamar quando a situação estiver fora de controle”.

A sala de aula precisa ter um ambiente propício e afetuoso, pois se houver uma boa relação entre os alunos com os professores e psicopedagogos, será de fundamental importância para investigar as causas motivadoras dos atritos, decorrentes na sala de aula como a baixa produtividade, problemas nas relações sociais e outros. Segundo Relvas (2010), “[...] bater, ofender, liderar um grupo contra colegas, quase sempre estas atitudes têm causa familiar. É verdade que cada criança tem conteúdos genético e psíquicos próprios, mas a família e o ambiente são responsáveis por grande parte do nosso comportamento”. Por isso é necessário que o professor esteja em sintonia com o psicopedagogo, para que ele relate todas as suas queixas e observações acerca do comportamento de cada criança, afinal temos que estar ciente de que as causas podem ser motivadas por problemas emocionais, o que está se tornando comum nos dias de hoje, e que para amenizar tal situação, a escola precisa ser um espaço em que todos se sintam bem.

É inevitável afirmar que o psicopedagogo nunca trabalha sozinho, ele sempre tem que estar envolvido com as pessoas com quem realiza seu ofício, como na escola que ele está com o aluno, pedagogo, orientadores e professores.

O trabalho na instituição escolar apresenta duas naturezas: O primeiro diz respeito a uma psicopedagogia voltada para o grupo de alunos que apresentam dificuldades na escola. O seu objetivo é reintegrar e readaptar o aluno à

situação de sala de aula, possibilitando o respeito às necessidades e ritmos. Tendo como meta desenvolver as funções cognitivas integradas ao afetivo, desbloqueando e canalizando o aluno gradualmente para a aprendizagem dos conceitos conforme os objetivos da aprendizagem formal. O segundo tipo de trabalho refere-se à assessoria junto a pedagogos, orientadores e professores. Tem como objetivo trabalhar as questões pertinentes às relações vinculares professor-aluno e redefinir os procedimentos pedagógicos, integrando o afetivo e o cognitivo, através da aprendizagem dos conceitos e as diferentes áreas do conhecimento (SANTOS, 2011, p. 02 apud CRUVINEL, 2014).

O professor ciente da presença do trabalho psicopedagógico na escola, irá entender a importância de haver uma boa relação entre os professores e os psicopedagogos, e mais ainda sobre o papel que cada um tem que exercer em prol de um objetivo, que é ensinar. Entretanto, sabemos que a realidade é bem diferente do que deveria acontecer, pois há uma falta de comunicação entre o professor e o psicopedagogo, o que é compreensível devido ao fato de muitos docentes não entenderem o papel da psicopedagogia nas escolas.

Reafirma-se aqui, a ideia de que muitos profissionais da área da educação ainda têm do psicopedagogo, como o profissional que vai cuidar de alunos com necessidades especiais, por esse entendimento, muitas dessas crianças acabam sendo encaminhadas para esses especialistas, como se o estudo dela a partir desse momento, fosse diferente daquilo que está sendo trabalhado com os demais estudantes, a exemplo do que afirma a psicopedagoga 1. “Infelizmente, ainda tem muitos professores que não sabem qual é o nosso papel ali com eles, e isso faz com que muitos nem conversem com a gente sobre os problemas existentes na sala de aula”. Isso põe em evidência uma questão pertinente nas escolas de Breves e de todo país, que se trata da ausência da área psicopedagógica nas instituições de ensino, e geralmente quem precisa lidar com todas as situações dessa área, é a coordenação pedagógica, que está muito atarefada e tenta resolver todo tipo de problema; então é compreensível grande parte dos professores desconhecerem o trabalho dos psicopedagogos, devido à ausência desses profissionais no seu ambiente de trabalho. Essa questão ganha um novo questionamento. Por que será que eles não sabem? Será que o órgão mantenedor da educação, não faz o seu papel de divulgador dos profissionais que estão no apoio aos professores?

Outro ponto importante citado pela psicopedagoga 1 diz respeito, a não inclusão dos psicopedagogos na avaliação da metodologia utilizada pelos professores em sala de aula. Assim ela argumenta: “A questão das metodologias usadas em sala de aula, precisa ser mais debatida entre os integrantes da escola, precisa ter o nosso olhar de psicopedagogo e também dos próprios alunos que já entendem como querem aprender”. Essa concepção está relacionada a

ideia do ensinar e aprender, pois muitas práticas metodológicas não tem o educando como um ser ativo do processo educacional, e assim, se o educador não se inclui também como aprendiz, conseqüentemente não se percebe como um ser que necessita fazer parte da atividade psicopedagógica.

A partir de constatado os “problemas de aprendizagem” a prática psicopedagógica deverá realizar um trabalho psicopedagógico envolvendo alunos, professores, pais e a equipe escolar, no sentido de tratar a raiz do problema para resgatar os elementos essenciais a aprendizagem de qualquer conteúdo. E para isso o professor precisa estar em sintonia com seus educandos, conforme orienta Fernandez.

A participação do professor, por inteiro, (corpo, organismo, inteligência e desejo) nessa relação, na sala de aula, no processo ensino-aprendizagem demanda a participação dos alunos também por inteiro. O organismo, transversalizado pela inteligência e o desejo, irá se mostrando em um corpo, e é deste modo que intervém na aprendizagem, já corporizado (FERNANDEZ, 1990, p. 33).

Dessa forma o trabalho de todos os envolvidos e principalmente o psicopedagogo dentro da instituição, deve girar em torno de um levantamento de uma análise crítica e da transformação do processo de transformação do processo de construção e produção do conhecimento em diferentes níveis. Deve ser um trabalho com a cultura e com a ciência, na relação com o professor, com o conteúdo e com o grupo escolar enquanto um todo.

4.2 Valorização da Psicopedagogia no Centro Haleff Pinheiro

De acordo com as literaturas apresentadas neste artigo, ficou explícita a importância da presença do psicopedagogo nas instituições de ensino. É um profissional que está apto a contribuir para que os alunos e professores trabalhem de forma que, os processos de ensino e aprendizagem sejam satisfatórios para ambos. É um especialista que pode atuar em diversas áreas, de forma preventiva e terapêutica, para compreender os processos de desenvolvimento e das aprendizagens humanas, recorrendo a várias estratégias objetivando se ocupar dos problemas que podem surgir.

A psicopedagoga 1, foi categórica ao afirmar que: “o psicopedagogo deveria estar presente em todas as instituições escolares e centros que requerem seus conhecimentos”. Mais do que apenas medidas preventivas, a psicopedagogia está trazendo nos dias atuais uma nova forma de encarar a educação, colocando em questão não só a aprendizagem, mas sim os caminhos para se chegar até sua efetividade. Oliveira (2009), diz que a importância da

psicopedagogia em sua visão sobre a aprendizagem exige uma ressignificação do saber sobre a aprendizagem que requer do estudioso um aprofundamento em teorias que deem conta de um ser humano que se relaciona com um mundo em constante movimento.

Isso mostra o quanto o trabalho do psicopedagogo precisa ser valorizado, apresentada à sua importância aos espaços educativos, que muitas vezes passam despercebidos pela escola e pelos professores. De acordo com Calberg (2000), ao psicopedagogo que atua no campo da psicopedagogia institucional escolar compete uma série de tarefas dentre as quais:

[...] administrar ansiedades e conflitos; trabalhar com grupos [...] identificar sintomas de dificuldades no processo de ensino-aprendizagem; organizar projetos de prevenção. Clarear papéis e tarefas nos grupos, ocupar um papel no grupo; criar estratégias para o exercício de autonomia (aqui entendido segundo a teoria de Piaget: cooperação e respeito mútuo); fazer a mediação entre os subgrupos envolvidos na relação ensino-aprendizagem (pais, professores, alunos, funcionários); transformar queixas em pensamentos; criar espaços de escuta; levantar hipóteses; observar; entrevistar e fazer devolutivas; utilizar-se de metodologia clínica, olhar clínico; estabelecer vínculo psicopedagógico; não fazer avaliação psicopedagógica clínica individual dentro da instituição escolar [...]; fazer acompanhamentos e orientações; compor a equipe técnica – pedagógica (CALBERG, 2000 apud CORTES, 2012, p. 3814)

Essa análise das atribuições de um psicopedagogo mostra a necessidade de maior fundamentação teórica e prática da própria Psicopedagogia como ciência, assim como, por parte dos demais profissionais da educação, e também, uma reflexão acerca de todo o trabalho que esse profissional poderia realizar na escola. Alguns estudiosos chamam bastante a atenção para a necessidade dessa área, a exemplo de Fernández (1984a, p. 102, apud Bossa, 2009), quando argumenta.

Mas ainda não podemos construir uma teoria acerca de nossa prática específica, na patologia da aprendizagem. Recorreremos à teoria da inteligência de Piaget, que nos aporta um modelo da inteligência, mas não uma teoria sobre as fraturas no aprender, acerca do sujeito que não aprende. Recorreremos também à psicanálise, que nos permite, entre tantas outras coisas, realizar uma leitura do inconsciente e nos possibilita um marco psicopatológico a que remetemos para compreender a estrutura de personalidade de nossos pacientes. Mas carecemos de uma psicopatologia acerca da aprendizagem. Estamos tentando construir nossa própria teoria, nosso específico enquadramento, os rasgos diferenciados de nossa técnica e nosso lugar como especialistas em problemas de aprendizagem (FERNÁNDEZ (1984a, p. 102, apud BOSSA, 2009)

Diante dessa afirmativa, vê-se a preocupação que essa especialidade tem com a qualidade do trabalho que vai desenvolver no processo teórico-prático, reafirmando assim a preocupação em estar preparada para compreender o desenvolvimento humano a partir de suas

próprias teorias, sem abrir mão de outras que vêm contribuindo para as análises sobre as emoções, as relações interpessoais, as experiências e tudo o que se faz necessário para o entendimento de cada aluno.

O psicopedagogo institucional tem como função atuar de forma preventiva junto aos pedagogos, professores e orientadores. “Tem como objetivo trabalhar as questões pertinentes às relações vinculares professor-aluno e redefinir os procedimentos pedagógicos integrando o afetivo e cognitivo, além da aprendizagem dos conceitos, nas diferentes áreas do conhecimento” (FAGALI E RIO DO VALE, 1999).

Entretanto, no centro Haleff Pinheiro, de acordo com a psicopedagoga 1, a atuação se concentra basicamente em atender as dificuldades de conflitos existentes, como narrou a entrevistada: “O psicopedagogo hoje em dia, trabalha apenas os problemas que estão ali acontecendo, então não há um trabalho que seja de fato preventivo, o que seria o certo no caso”. Todas essas demandas que acontecem no dia a dia, fazem parte da prática psicopedagógica, no entanto é preciso que os educadores entendam também que as atitudes preventivas têm um papel importante nos caminhos que envolvem o aprender, pois muitos pedagogos ainda têm discursos que parecem atribuir à indisciplina a falta de interesse do aluno, sendo que em muitos casos, pode estar relacionado à diversos fatores, tanto às questões familiares quando às institucionais.

De acordo com Castro (2014), alguns fatores podem, ao longo do tempo, se acumular e influenciar no fracasso escolar, na qual ele afirma que os educadores responsabilizam unicamente as famílias e os adolescentes pelo rendimento escolar apresentado pelos educandos. Porém, é preciso entender que há muitos aspectos que devem ser avaliados e discutidos nas próprias instituições, a exemplo de quando os alunos são encaminhados para a coordenação escolar, e o psicopedagogo pode avaliar inúmeros aspectos como: conteúdo específico, habilidades e competências requeridas, metodologia e didática desenvolvida, características da personalidade do professor, relacionamento entre o professor e aluno, e muitas outras questões que podem estar diretamente influenciando naquele comportamento.

Como o trabalho do psicopedagogo deve ser de característica preventiva, ele pode a partir dessas informações na coordenação, realizar um diagnóstico institucional, na qual o próprio Projeto Político Pedagógico (PPP) deve ser analisado, assim como, a postura dos professores, a gestão escolar, o contexto social e econômico dos estudantes. Em decorrência disso, a área psicopedagógica poderá desenvolver diferentes atividades em consequência da necessidade apresentada na instituição. Entretanto, essa talvez seja uma das maiores barreiras

que o psicopedagogo pode enfrentar nas escolas, ele não tem liberdade para desenvolver o seu trabalho, e nesse caso, será necessário ter paciência e aos poucos desenvolver diálogos nas reuniões pedagógicas e tudo o que for necessário para conseguir a confiança e a credibilidade de todos os envolvidos.

Não existe atuação psicopedagógica na escola sem a postura do ouvir, do falar e do propor. A intervenção do psicopedagogo tem que estar regada do seu saber, da sua criatividade, da sua perspicácia, para que tenha condições de adaptar o trabalho a que se propõe, de acordo com as necessidades e possibilidades do contexto educacional em que está atuando (PONTES, 2010).

Uma das problemáticas mais evidentes no cenário educacional brasileiro, está atrelada a visão estreita de grande parte dos educadores sobre o aprender, embora a existência de inúmeras teorias de aprendizagens. O psicopedagogo é um contribuinte para alargar essa visão, e tem o papel de propor ações que despertem nos profissionais da educação, reflexões sobre a importância dessa ampliação de processos de aprendizagens, em especial que não seja apenas para responder as avaliações de grande escala.

No decorrer da vida estudantil, os alunos ouvem falar que a filosofia das escolas é formar cidadãos, no entanto, a realidade é que, quanto maior o nível estudantil, maior é a cobrança por notas para garantir o Índice de Desenvolvimento da Educação e posteriormente, da parte dos alunos, o pensamento é de aprovações em vestibulares. O problema não é a questão objetiva em si, pois socialmente a vida exige tais procedimentos, mas a questão está na forma como as escolas agem para atingir esses objetivos.

Grande parte das instituições de ensino executam práticas e metodologias que preparam os educados para provas objetivas, para memorizações, sem haver reflexões e criticidade acerca dos conteúdos apresentados durante todo o caminho, com essas referências, ainda é possível identificar uma educação marcada pelo tradicionalismo, diferente do que se espera para a educação do século XXI, “Aprender a conhecer, Aprender a fazer, Aprender a conviver e Aprender a ser” (DELORS, 2010). Que seja para a conscientização, para a autonomia, conforme orienta Freire (1997), quando diz que precisamos de uma educação que proporcione a conscientização, para que o indivíduo seja capaz de fazer suas escolhas social e politicamente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados apresentados e conforme o objetivo dessa pesquisa, que foi analisar as implicações da atuação do psicopedagogo no Centro Haleff Pinheiro, verificou-se que a psicopedagogia institucional é fundamental em qualquer ambiente educacional, seja para

auxiliar os educadores e educandos a resolver as situações de conflito ou construir planejamentos que previnam futuros problemas na instituição.

Os dados indicaram o quanto o trabalho do psicopedagogo, em suas inúmeras formas é importante e complexo, que é necessário desenvolver atividades relacionadas a psicopedagogia preventiva nas instituições de ensino e que a prática psicopedagógica ainda se encontra muito associada ao atendimento das crianças e adolescente com transtornos de aprendizagem, se distanciando da prática psicopedagógica que deve contemplar todos os que tiverem envolvidos no processo de aprender, como os professores, estudantes, e a coordenação.

Que as escolas não realizam seus planejamentos em conjunto com os psicopedagogos que o município oferece por meio do Centro, com isso distanciam-se do que Libâneo (1994), considera como situações didáticas concretas que envolve toda a comunidade escolar, em observância as problemáticas sociais. Um planejamento que comece no início do ano letivo, com a participação de todos os que fazem parte da organização do trabalho pedagógico que culmina com a prática na sala de aula.

Nesse cenário, o psicopedagogo poderia ajudar com orientações para o uso de metodologias ativas, aulas de campo, temas dos projetos e muitas outras atividades que devem ser pensadas, planejadas e executadas com o objetivo de proporcionar aos alunos aprendizagens significativas. Entretanto, os resultados também indicaram, que as escolas em Breves não contam com psicopedagogos, os que acompanham os trabalhos das instituições educativas, são os do Centro Hallel Pinheiro e por essa questão, nem todos os profissionais da educação conhecem o trabalho que esse profissional pode exercer nas instituições escolares. Nesse sentido, considera-se que precisa haver mais pesquisas e divulgações da psicopedagogia como contribuidora para ações que tenham como necessidade a melhoria do conhecimento e de práticas que tenham como objeto aprendizagens significativas; assim como, faz-se necessária a regulamentação da profissão no município, pois por ser uma ciência recente, em relação a muitas outras, ainda não faz parte do corpo pedagógico das escolas.

Diante das considerações aqui levantadas, pode-se dizer que o psicopedagogo não será o profissional que vai “curar” todas as mazelas das não aprendizagens, mas com a sua presença na escola, muitas situações poderiam ser melhor trabalhadas, sem precisar retirar o aluno para outro espaço educativo, como é o Centro Hallel Pinheiro. Entretanto, a pesquisa indicou que a presença deste profissional no Centro, já é um avanço, embora os equívocos encontrados sobre o seu papel, sua atuação.

Quanto a atuação desses profissionais no Centro, pode-se inferir que pelo pequeno número existente, não tem como fazer um trabalho preventivo nas escolas, fazem o as atividades

imediatas que chegam até eles, mas reconhecem o seu papel e que na sua atuação, falta melhor articulação com os demais profissionais da educação: gestores, coordenadores, professores, pois só um trabalho coletivo, poderá render melhores resultados e valorizar cada profissional que nele encontra-se presente.

Portanto, o trabalho do psicopedagogo no centro Haleff Pinheiro se faz de extrema importância na contribuição de ações que orientam a escola para o atendimento na superação das dificuldades de aprendizagem dos alunos, visto que, esse profissional pode articular e promover ações de prevenção, orientação e intervenção, que podem iniciar com o diagnóstico no centro e ter a continuidade na escola.

REFERÊNCIAS

BARONE, Leda. Considerações a respeito do estabelecimento da ética do psicopedagogo. In SCOZ, Beatriz e outras (org.). **Psicopedagogia: O caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. de Odontol. da Univ. Cidade de São Paulo**. São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, set-dez 2006. Disponível em: http://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf. Acesso em: 07 de jun. 2021.

BOSSA, Nadia Aparecida. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BRASIL. IBGE. **Cidades e Estados: Breves**. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/breves>. Acesso em: 22 de mar. 2021.

CASTRO, M. L. G. O olhar psicopedagógico na instituição educacional: o psicopedagogo como agente de inclusão social. **Rev. Psicopedagogia**, v. 65, n. 21, 2004. Disponível em: <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/353/o-olhar-psicopedagogico-na-instituicao-educacional-o-psicopedagogo-como-agente-de-inclusao-social>. Acesso em: 09 jun. 2021.

CAVALCANTE, I. M.; ARAUJO, M. J. B. de; SANTOS, W. L. A. A psicopedagogia e as contribuições para a prática pedagógica na contemporaneidade. **Revista Científica do IFAL**. v. 10, nº 1, p. 1196-1207, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ifal.edu.br/educte/article/view/1650/1230>. Acesso em: 06 de jun. 2021.

CAZELLA, S.; MOLINA, R. A intervenção psicopedagógica institucional na formação reflexiva de educadores sociais. **Revista de Psicopedagogia**, São Paulo, v. 83, n.27, p. 78-91. 2010. Disponível em: <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/222/a-intervencao-psicopedagogica-institucional-na-formacao-reflexiva-de-educadores-sociais>. Acesso em: 10 jun. 2021.

CONCEIÇÃO, Cristiane Silva. **A Importância do psicopedagogo no ambiente escolar.** Virtual Educa. Disponível em: <https://encuentros.virtualeduca.red/storage/ponencias/bahia2018/N4VRxLyXpnAngdSHxFqIoi0Abhk0dcky2LTSTk0L.pdf>. Acesso em: 02 de fev. de 2021.

CÔRTEZ, Ana Rita Ferreira Braga; RAUSCH, Rita Buzzi. O estado do conhecimento acerca da psicopedagogia escolar no Brasil. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCACACÃO – EDUCERE. 2009, Paraná. Disponível em: <https://silo.tips/download/o-estado-do-conhecimento-acerca-da-psicopedagogia-escolar-no-brasil>. Acesso em: 05 de jun. 2021.

CRUVINEL, A. C. R. A necessidade de um psicopedagogo na escola. **Cadernos da Fucamp**, Minas Gerais, v. 13, n. 19, p. 95-105. 2014. Disponível em: <https://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/393/332>. Acesso em: 03 de jun. de 2021.

DELORS, Jacques. *et al.* **Educação um tesouro a descobrir:** Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998, 281 p. Disponível em: http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf. Acesso: 12 de mar. de 2021.

FAGALI, Eloisa Quadros; RIO DO VALE, Zelia Del. **Psicopedagogia Institucional aplicada:** a aprendizagem escolar dinâmica e construção na sala de aula. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, 93 p.

FELDMANN, J. **A importância do Psicopedagogo.** Web artigos. 2006. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-do-psicopedagogo/48>. Acesso em 07 jun. 2021.

FERNÁNDEZ, Alícia. **A inteligência aprisionada – abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família.** 2ª reed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1991.

FERREIRA, L. G. Duas visões psicopedagógicas sobre o fracasso escolar. **Revista de Psicopedagogia.** São Paulo, v. 25, n. 77, p. 139-145. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862008000200006. Acesso em: 10 jun. 2021.

FREIRE, Paulo. **EDUCAÇÃO:** como prática da liberdade. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 189 p.

KIGUEL, Sônia. Abordagem psicopedagógica da aprendizagem. In SCOZ, Beatriz e outras (org.). **Psicopedagogia:** O caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez. 1994.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991. Disponível em:

https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Entrevista_na_pesquisa_social.pdf. Acesso em: 08 jun. 2021.

NETO, F. F. *et.al*. Dificuldade de aprendizagem no Ensino Fundamental e Médio: a percepção de professores de sete escolas públicas de São Paulo – SP. **Revista Psicopedagogia**. v .97, n. 32, 2015. Disponível: <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/53/dificuldade-de-aprendizagem-no-ensino-fundamental-e-medio-a-percepcao-de-professores-de-sete-escolas-publicas-de-sao-paulo---sp>. Acesso em: 11 jun. 2021.

OLIVEIRA, Mari Ângela Calderari. **Psicopedagogia: a instituição educacional em foco**. Curitiba: Ibpx, 2009.

PONTES, I. A. M. Atuação psicopedagógica no contexto escolar: manipulação, não; contribuição, sim. **Revista Psicopedagogia**. v. 27, n. 84, p. 417-427, 2010. Disponível em: <<http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/196/atuacao-psicopedagogica-no-contexto-escolar-manipulacao-nao-contribuicao-sim>>. Acesso em 08 jun, 2021.

PORTO, Olívia. **Psicopedagogia Institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico**. 2 ed. Rio de Janeiro: Walk Ed., 2007.

RELVAS, Marta Pires. **Neurociências e Transtornos de Aprendizagem: as múltiplas eficiências para uma educação inclusiva**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2010. 143 p.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar, o problema escolar é de aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1994. 176 p.

FASSA, Jeferson Fernandes; SEGANTIN, João Angelo. A importância do controle interno para acompanhamento gestão e auditoria. In: 15º Congresso Nacional de Iniciação Científica. 2015, São Paulo. Disponível em: <http://conic-semesp.org.br/anais/files/2015/trabalho-1000020456.pdf>. Acesso em 05 de jun. 2021.

WEISS, Maria Lúcia. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. 8º. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2001. 205 p.